

CRÔNICA NECROLÓGICA DE IRMÃ MÔNICA CASTANHEIRA



“Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está reservada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que aguardam a sua vinda.” (2Tm 4,7-8)

Maria Teresa Castanheira, nossa Ir. Mônica, era a terceira filha dos cinco filhos do casal Venâncio Castanheira Filho e Affonsina D’Angelo Castanheira. Nasceu a quatro de maio de 1926, em São João Del Rei, Minas Gerais. Sendo a família muito cristã, recebeu logo o Batismo, com apenas 20 dias de vida, isto é, no dia 24 de maio de 1926, na Paróquia Nossa Senhora do Pilar, daquela cidade. Cresceu à sombra das muitas igrejas barrocas e ao som dos sinos que marcavam as várias celebrações, novenas, procissões, etc. Na infância conviveu com os filhos da ilustre família Lustosa, como também dos Moreira Neves, cultivando com eles, por toda a sua vida, amizades sólidas e apoio espiritual mútuos. Manteve, já no Mosteiro, uma correspondência epistolar com o dominicano Frei Lucas, que mais tarde seria o conhecido e fiel arcebispo e cardeal D. Lucas Moreira Neves, OP.

Quando Maria Teresa contava seis ou sete anos de idade, a família mudou-se para outra cidade mineira, chamada Bom Sucesso. Ela gostava de contar-nos que, às vezes, ocorria em Bom Sucesso, um leve tremor de terra, mas que assustava os habitantes e os obrigava a ficar fora de suas casas até passar o perigo. Na Igreja Matriz daquela cidade frequentou a catequese e recebeu o Sacramento da Confirmação e fez a sua Primeira Comunhão no mesmo dia, a 11 de maio de 1933, isto é, aos sete anos de idade. Maria Teresa parece ter herdado da mãe o caráter enérgico e decidido. De seu pai, com quem tinha especial ligação, herdou os dotes literários e a sensibilidade poética.

Tendo concluído o Curso Primário, ingressou no Curso Ginásial no Colégio Santa Maria em Belo Horizonte, que era de regime interno, para meninas. Mais tarde entrou na Faculdade no Instituto Padre Machado, SJ, percorrendo com êxito a primeira, segunda e terceira séries do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras de “Santa Maria”, em Belo Horizonte, Minas Gerais. No contato com a juventude universitária, teve a graça de conhecer o Movimento da Ação Católica, e fez seu compromisso na JUC aos 16 anos de idade, no Primeiro Domingo do Advento de 1942, em Belo Horizonte, tornando-se membro muito ativo do Movimento. Mas graça ainda maior seria conhecer e participar dos encontros e retiros, dirigidos pelo grande monge alemão D. Martinho Michler, OSB. Mesmo sendo alemão, com dificuldade para falar o português, ele arrebatava o entusiasmo da juventude daqueles tempos do pré-Concílio. O então futuro Abade do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, falava sobre liturgia e vida monástica de tal modo, que despertou numerosas vocações monásticas e religiosas, e abriu fileiras de leigos engajados no compromisso cristão. Como a própria Ir. Mônica escreveu por ocasião da páscoa de D. Martinho Michler, (25-10-1988), “ele foi pioneiro do movimento litúrgico no Brasil e pai de numerosa geração de monges e monjas e consolidou nossa comunidade (e muitas outras) com sua doutrina, seus exemplos e sua paterna afeição”.

Maria Teresa decidiu, então, atender ao chamado do Senhor que lhe apontava um caminho, quase que natural, ao que já percorria, ingressando na vida monástica. Tendo já falecido a sua querida mãe, entregou os serviços da casa paterna aos cuidados de sua irmã Musa e despediu-se de sua família. Zélia, sua irmã caçula, logo seguiria também o caminho da Consagração ao Senhor, entrando no Carmelo de Petrópolis-RJ. Os outros irmãos Sebastião, Vinícius, inclusive Musa, aos poucos foram saindo do lar paterno para formar família, consolidando outros lares de vida cristã. Maria Teresa ou Ir. Mônica, sempre os acompanharia, por toda a sua vida, com interesse e carinho quase maternos. Aos 21 anos de idade entrou então, como postulante, na Abadia de Santa Maria em São Paulo, no dia 24 de maio de 1947. Já no ano seguinte, no dia 13 de janeiro de 1948, tornou-se noviça, recebendo o nome de Ir. Mônica, tendo como padroeira a santa mãe do grande Santo Agostinho. Fez sua Profissão Temporária aos 21 de janeiro de 1949 e no mesmo dia, porém, três anos depois, fez sua Profissão Solene e foi Consagrada ao Senhor, entregando-se ao Esposo divino por toda a vida. Na Abadia de Santa Maria, com a Comunidade já bastante numerosa, ela foi encarregada de diversos serviços de caráter mais intelectual. Ajudou sempre no trabalho da biblioteca, encadernação, crônicas e também na roupa e arquivos. “Sua vida monástica foi dedicada aos estudos da Sagrada Escritura, da Regra de São Bento, da espiritualidade monástica e patrística. Aprimorou-se, com o tempo, no conhecimento do latim, do grego e do hebraico. Fez numerosos trabalhos e traduções juntamente com o Revmo. Abade do Mosteiro de São Bento de São Paulo, D. Joaquim de Arruda Zamith.”

Com a renovação trazida pelo Concílio Vaticano II, Ir. Mônica foi uma das propulsoras da ideia de uma nova fundação, saída da Abadia de Santa Maria antiga, que seguisse as linhas do Concílio. Fez parte do grupo das nove fundadoras, e teve papel decisivo no plano de *aggiornamento*, tendo à frente Madre Dorotéia Rondon Amarante na fundação do nosso Mosteiro, aos 21 de julho de 1974.

Irmã Mônica, conforme as palavras escritas por nossa Madre Martha Lúcia, por ocasião de sua páscoa: “Colaborou muito para a formação de nossa comunidade e também para a vida monástica no Brasil, através de cursos, retiros, traduções e de seus escritos (artigos, livros).

Exerceu em nosso Mosteiro durante muitos anos, o ofício de Priora, Mestra de Novças, bibliotecária, arquivista, cronista e secretária da abadessa.

O mais importante, porém, para se dizer sobre ela é que foi uma monja apaixonada pelo Cristo e pela vida monástica. Quando ela partilhava algo sobre a fé, inflamada pelo Espírito Santo, ela contagiava a todos que a ouviam. Seu fervor pelas coisas de Deus ajudou muitas pessoas, também fora do Mosteiro: monges, sacerdotes, membros do Movimento Comunhão e Libertação, nosso irmão Cláudio Pasto e tantos outros amigos queridos, além de sua família que a cercou com tanto carinho.

De temperamento forte, enérgico e determinado, terminou sua vida docemente na enfermaria do Mosteiro, entregue aos cuidados das irmãs que, zelosamente, a cercaram de atenção e cuidados.”

Nossa Irmã já estava enferma há algum tempo, e sua enfermidade se agravou nas últimas semanas de agosto, devido a complicações com a artrose e a trombose. Mas esteve sempre lúcida, acompanhando de sua cela com interesse, alegria e com suas orações, tudo o que se relacionasse com a vida da Comunidade, da Igreja, do nosso país.

Após longa preparação e purificação, o Esposo a chamou e ela “voou para os braços do Pai”, na madrugada do dia três de setembro de 2018, dia esse em que a Igreja celebra a festa de São Gregório Magno, monge e Papa.

Agradecemos a Deus e a ela, “por tudo o que ela semeou em nosso Mosteiro e por todo o bem que fez por todos nós”. “Porque o amor é forte como a morte!” (Ct 8,6).

Que o Senhor a acolha na sua Luz e na sua Misericórdia!

Deo Gratias!

Mosteiro Nossa Senhora da Paz
Itapecerica da Serra - SP
Novembro de 2018 – A cronista